



Santos sem altares nem devotos

Uma multidão imensa que não coincide, longe disso, com o número de santos e santas que aparecem no santoral da Igreja católica. Quem são, então, esses santos e santas? Por que são considerados santos? Quem os declarou como tais?

“Depois olhei e vi uma multidão imensa, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e do Cordeiro, com túnicas brancas e com palmas nas mãos. Um dos Anciãos tomou a palavra e disse-me: ‘Estes que estão vestidos com vestes brancas, quem são e de onde vieram?’”
Eu respondi: “Meu Senhor, tu é que sabes”. Ele respondeu: «Estes são os que vêm da grande tribulação; eles lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro”. (Ap 7. 9, 13-14)

Bem, eles são simplesmente os que vêm da "grande tribulação", que nada mais é do que a própria vida, a vida do dia a dia. A que coube, cabe e continuará a caber viver a cada pessoa com mais ou menos dificuldades. Porque é aqui que a santidade é forjada, e não noutro lugar qualquer. Pois a santidade não é uma questão de separados e de segregados, mas de alguém inserido, até ao mais profundo de si mesmo, até à medula, até ao âmago. Virá depois alguém que lhes dará uma ajudinha em prole do conhecimento público. Outros e outras haverá que permanecerão no

anonimato para sempre ou, no melhor dos casos, na memória dos seus, dos mais próximos ou de um reduzido número a quem causaram profunda admiração, ou com quem aprenderam que viver de verdade era viver de outro modo, como esses homens e mulheres por quem sentem admiração respeito e desejo de imitação, de forma a darem um sentido diferente às suas próprias vidas.

Homens e mulheres que se deixaram e deixam moldar pelo amor, porque, apesar de possuírem muito pouco ou nada, descobriram e descobrem que é essa a maior das riquezas, a única que os podia e pode fazer felizes de verdade; apercebendo-se por sua vez de que, se o comunicarem aos outros, poderão, também, tornar felizes outras pessoas. Um "amor" sem epítetos nem qualificativos, sem maiúsculas nem minúsculas; um amor sem credos nem ideologias; um amor alheio à cor da pele e ao tipo de língua. Tanto faz! Um amor que, sabendo ou não, tendo ou não consciência disso, procedia e procede, no fundo, da mais profunda intimidade dos corações, lugar reservado exclusivamente ao mais absoluto e infinito dos amores: o Deus de Jesus, do qual muitas e muitos nunca ouviram falar.

Homens e mulheres que não sabiam nem sabem o que era ou o que é isso da humildade, porque para elas e para eles, isso de serem os últimos, era e é o mais normal e natural, pois se trata de algo que vem de dentro deles próprios, algo que ninguém lhes ensinou. Mais ainda, quando por vezes se deram e continuam a dar conta de que, vivendo assim, conseguiam e

conseguem que os pobres e os "ninguéns" podiam e podem chegar a ser os primeiros, pelo menos por algum tempo.

Homens e mulheres, muitos dos quais não frequentaram nem frequentam templos ou santuários; nem mesmo mesquitas, sinagogas, pagodes ou outros locais de culto. E não o fizeram nem o fazem agora porque a sua verdadeira e única religião consistiu e consiste em praticar a justiça para com os mais desfavorecidos e optar pela verdade face às imensas ofertas falsas e enganadoras que certo tipo de pessoas e de instituições difundem e continuam a difundir por todo o lado; apesar deste seu compromisso com a verdade e a justiça lhes ter causado e continuar a causar problemas e dificuldades, às vezes graves, nas suas próprias vidas.

Homens e mulheres que, sem alardes nem espaventos, optaram e continuam a optar pela palavra e pelo diálogo para encontrarem pelo menos uma pequena solução para os conflitos; normalmente aqueles que não aparecem nos meios de comunicação, pois nem eles nem elas se consideram "importantes", nem a sociedade em geral os considera como tais. Acodem sim, àqueles conflitos, atritos e confrontos entre familiares, entre amigos, entre vizinhos, entre aldeias e bairros que tanto degradam e destroem a convivência diária que é, ao fim e ao cabo, a que os toca tão de perto que, quando não resolvida, pode chegar a criar um clima irrespirável.

Homens e mulheres que no meio de tanta hostilidade, tensão e crispação

acreditaram e continuam a acreditar que havia e há que optar pela renúncia à condenação e ao castigo como a melhor solução dos sistemas para corrigir qualquer tipo de desvio pessoal ou social; e recorrer, pelo menos, a algumas doses, quantas mais melhor, de perdão e misericórdia.

Em suma, homens e mulheres que nunca proferiram ou não emitem qualquer tipo de julgamento sobre os motivos ou a falta deles que alguém possa ter ou alegado para perpetrar qualquer tipo de ação negativa, mesmo o crime mais aberrante. É precisamente por isso que são homens e mulheres que acreditaram e continuam a acreditar que nunca se pode negar uma oportunidade a ninguém, nem que lhes digam "esta é a última".

Pois bem; nenhum deles nem deles jamais terão pessoas devotas, porque também não tiveram ninguém que os levasse aos altares ou escrevesse algo sobre vidas que foram e continuam sendo normais e comuns. Altares e hagiografias são reservados para aqueles que tiveram e ainda têm vidas "elevadas" e prosélitos que veneram suas "façanhas".

Para eles e para eles, o melhor dos altares era a sua consciência. E o único e grande devoto, o Deus de amor que acreditou neles desde o princípio e continuará a fazê-lo por toda a eternidade. PARABÉNS!

JUAN ZAPATERO BALLESTEROS,
teólogo

<https://eclesalia.wordpress.com/2020/10/19/santos-sin-altares-ni-devotos/>



As Igrejas domésticas não podem existir sem a dinâmica da grande Igreja



Mons. PHILIPPE BORDEYNE, reitor do *Institut Catholique de Paris* desde 2011, diz que as famílias cristãs têm muito a ensinar à Igreja institucional, sobre questões relacionadas com a fé.

Mas o teólogo moralista de sessenta anos, e especialista na hermenêutica teológica do Concílio Vaticano II, diz que as “Igrejas domésticas” não podem existir sem a instituição.

BORDEYNE foi nomeado pelo papa para a assembleia do Sínodo dos Bispos sobre a família, em 2015. Conversou com o *La Croix* sobre as origens da *Igreja doméstica*, um conceito retomado por cada vez mais pessoas, durante o confinamento do coronavírus.

Há quanto tempo falamos sobre a família como *Igreja doméstica*?

Devemos esta expressão a D. Pietro Fiordelli, bispo de Prato, na Toscana, que consagrou o seu ministério ao movimento familiar cristão e que, sobre este tema, influenciou o Concílio Vaticano II.

A Constituição Dogmática da Igreja *Lumen gentium* (1964), retomada pelo decreto sobre o apostolado dos leigos (1965), considera que a família resultante de um casamento cristão não é, somente, uma imagem da Igreja, mas também “como que uma Igreja doméstica”. O Concílio manteve a expressão “*domestica ecclesia*”, mas

D. Fiordelli teria preferido a expressão “*minuscula ecclesia*” (“pequena Igreja”). Esta segunda expressão baseia-se nos ensinamentos de São João Crisóstomo e Santo Agostinho. Dom Fiordelli foi, ainda, mais longe, pois considerou os pais como “bispos” dos seus filhos. Assim como os responsáveis pelas primeiras comunidades cristãs, também eles são encarregados de supervisionar e de cuidar a fé e o crescimento dos seus filhos, através de uma escuta atenta.

Está este tema a ser trabalhado na teologia, hoje em dia?

Nos Estados Unidos, vários teólogos católicos estão a aprofundar este tema, a fim de reafirmar que os pais são os primeiros transmissores e educadores da fé. E é isso mesmo que se verifica neste momento, quando a Igreja é impedida de se reunir para as celebrações e a catequese, enquanto que as famílias continuam a rezar e a celebrar.

Mas a Igreja nunca pode ficar reduzida à família. Basta lembrar as palavras de Cristo, quando lhe dizem que a sua mãe e os seus irmãos o procuram (Mt 12,46). “Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos?”, interroga. “Todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está no céu, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.”

Portanto, uma família cristã, mesmo que seja profundamente eclesial, precisa sempre da grande Igreja.

Exatamente. A grande Igreja tem, certamente, de aprender com o que está a acontecer com o destino da humanidade, nas pequenas Igrejas que

são as famílias. Reciprocamente, as famílias humanas têm muito a ganhar, com as relações originais que nascem nas comunidades da Igreja.

Além disso, existem pessoas cujo grau de satisfação familiar varia muito, de modo que a Igreja-família-de-Deus é chamada a deixar-se guiar por um princípio simples e exigente: que ninguém deve ser considerado ou julgado, em função das realizações da sua família. É uma questão de fidelidade ao modo de ser de Cristo.

Nesse sentido, este período de confinamento é, ao mesmo tempo, precioso e doloroso, pois as Igrejas domésticas, por mais criativas que sejam, não podem existir sem a dinâmica da grande Igreja. Verificamos isso mesmo com todos aqueles catecúmenos que não puderam receber o batismo na Vigília da Páscoa. Eles nos recordam que é a Igreja que gera para a fé.

Também não se deve esquecer que as famílias podem ser um lugar de relações complexas, até destrutivas e violentas. Desde o início do confinamento, a violência doméstica e conjugal aumentou, significativamente, em todos os países. O ódio e o amor, às vezes, estão muito próximos. É o que nos recordam os teólogos norte-americanos, quando falam da Igreja imperfeita, à imagem das famílias imperfeitas. Mas é, precisamente, na imperfeição desses laços humanos que encontramos a santidade da vida comum.

A reportagem é de CLAIRE LESEGRETAIN, publicada em *La Croix International*, 01-05-2020.

Igrejas fechadas são antecipação do futuro



O vencedor do Prémio *Templeton* de 2014 prevê uma catástrofe, se o catolicismo não for reformado.

TOMÁŠ HALÍK, famoso intelectual checo e ex-dissidente comunista, alertou que o fecho temporário das igrejas devido ao coronavírus, deve ser visto como um alerta para o futuro do catolicismo.

Num artigo de cinco páginas para o *Christ & Welt*, suplemento do jornal *Die Zeit*, uma das principais publicações semanais alemãs, diz que, num futuro não muito distante, cada vez mais igrejas irão fechar – não por causa de forças externas, como a atual pandemia, mas sim por falta de vontade de se reformarem.

“Já não fomos, várias vezes, avisados, sobre o que está a acontecer em muitos países, onde um número cada vez maior de igrejas, mosteiros e seminários se esvaziaram ou foram fechados?”, adverte o teólogo e filósofo de setenta e um anos.

Não culpemos as forças externas pelas igrejas vazias

“Por que é que, há tanto tempo, temos vindo a atribuir esta evolução a influências externas (o “tsunami secular”), e não nos demos conta de que se encerrava outro capítulo da história do cristianismo, e que tinha chegado a hora de nos prepararmos para um novo?”, questiona ele.

Halík, que foi ordenado presbítero clandestinamente, em 1984, durante a severa ditadura comunista da ex-Cecoslováquia, disse que a Igreja deve ser aquilo que o Papa Francisco quer que ela seja: isto é, um “hospital de campanha”.

“Uma metáfora que nos mostra que a Igreja não deve ficar num esplêndido isolamento do mundo, mas que deve, antes, derrubar as suas fronteiras e ir levar ajuda a todos os lugares onde as pessoas se encontrem necessitadas física, mental, social e espiritualmente”, diz ele.

Entre outras coisas, isso pode começar a compensar o facto de, até há bem pouco tempo, ela permitir que os seus representantes violassem pessoas – até mesmo as mais indefesas –, acrescenta Halík.

Diagnóstico, imunização e reabilitação

Além de oferecer assistência

médica, social e de caridade – como tem feito desde a sua fundação –, a Igreja deve, agora, ir mais longe. Como qualquer bom hospital, diz o intelectual checo, ela deve oferecer um diagnóstico.

Halík, que recebeu o Prémio *Templeton* de ciência e religião em 2014, disse que discernir os sinais dos tempos, também inclui oferecer um tipo de “remédio preventivo”, destinado a imunizar a sociedade contra os vírus letais do medo, do ódio, do populismo e do nacionalismo.

E, finalmente, também implica uma “reabilitação”, isto é, curar os traumas do passado, através do perdão.

Voltar ao coração do Evangelho

O intelectual checo sugere que as igrejas que estão vazias, agora, por causa do confinamento do coronavírus, nos podem mostrar, simbolicamente, como será o futuro, se a Igreja não tentar, seriamente, apresentar ao mundo uma forma totalmente diferente de cristianismo.

“Preocupamo-nos muito em converter o ‘mundo’ (o ‘resto’), e não tanto em convertermo-nos a nós mesmos”, afirma.

“E isso não significa, apenas,

‘melhorarmo-nos’, mas passar, radicalmente, de um estático ‘ser cristãos’ a um dinâmico ‘tornar-se cristãos’”, continua ele.

Halík propõe que usemos o tempo presente, quando as igrejas estão fechadas por causa da pandemia, para pensarmos, muito mais profundamente, na reforma da Igreja.

Diz que não pode ser um retorno a um mundo que deixou de existir, ou uma mera modificação das estruturas externas. Pelo contrário, deve ser uma reforma mais profunda, que se concentre, decisivamente, no cerne da mensagem do Evangelho, indicada pelo Papa Francisco.

Buscadores de vinho novo

Halík, atualmente professor de sociologia na Universidade Charles de Praga, disse que os estudos sociológicos mostram que o número das pessoas que se sentem em casa numa religião tradicional está em declínio. O mesmo acontece com o número dos ateus convictos.

Por outro lado, o número dos “buscadores” e daqueles que são apáticos a questões religiosas está a aumentar.

Diz que os buscadores podem ser encontrados entre crentes e não

crentes que “sentem o desejo ardente de algo que satisfaça a sua sede de sentido”.

Chegou a hora dos buscadores, insiste ele. O que significa, porém, que os cristãos devem parar de fazer proselitismo.

“Não devemos entrar no mundo dos buscadores para ‘os converter’ o mais rapidamente possível, e para os encerrar nos perímetros institucionais e mentais das nossas igrejas”, adverte.

O teólogo checo observa, ainda, que Jesus também não buscou a ovelha perdida para tentar trazê-la de volta para as estruturas existentes da religião judaica, porque Jesus sabia que o vinho novo exigia odres novos.

Halík afirma, finalmente, que as comunidades cristãs, as paróquias, os movimentos e as ordens religiosas, devem tentar alcançar o mesmo objetivo que levou à fundação das universidades europeias – “escolas de sabedoria, nas quais se busca a verdade através do livre debate e, também, da profunda contemplação”.

“Tais ilhas de espiritualidade e de diálogo poderão vir a ser a fonte de uma força capaz de curar um mundo doente”, conclui o filósofo checo.